

O atual estágio conceitual da competência em informação em publicações de língua portuguesa

Dilva Páscoa De Marco Fazzioni

Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - SC - Brasil.

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - SC - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/9796067955022610>

E-mail: dilvafazzioni@gmail.com

William Barbosa Vianna

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - SC - Brasil.

Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis, SC - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/1030772767470294>

E-mail: william.vianna@ufsc.br

Elizete Vieira Vitorino

Pós-Doutorado pela Universidade do Porto (U.PORTO) - Portugal. Doutora em Engenharia de Produção

pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - SC - Brasil. Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Florianópolis, SC - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/7540571280471559>

E-mail: elizete.vitorino@ufsc.br

Submetido em: 09/04/2018. Aprovado em: 15/05/2018. Publicado em: 21/12/2018.

RESUMO

A expressão *information literacy* – competência em informação, em língua portuguesa – surgiu em 1974, nos Estados Unidos. Desde então, autores do mundo inteiro vêm buscando uma definição que seja compatível com a complexidade que o conceito carrega. Objetivos: A partir de uma perspectiva epistemológica, este artigo tem o propósito de identificar como especialistas de países de língua portuguesa, em especial do Brasil, compreendem atualmente a competência em informação. Para o alcance deste objetivo, surgiu a necessidade de evidenciar a evolução e marcos históricos do tema. Método: Foi desenvolvida pesquisa qualitativa e exploratória, com base em revisão de literatura, de artigos publicados em língua portuguesa em revistas classificadas no Portal de Periódicos da Capes como Qualis A1 e A2, no período de 2012 a 2016, e indexadas na base Directory of Open Access Journals (DOAJ). Conclusões: Constatou-se uma evolução do conceito da competência em informação, no qual os diversos autores buscam avançar para além de uma visão utilitarista ou instrumentalista. Assim o tema se tornou sinônimo de aprender a aprender e incorporou todas as dimensões da vida de uma pessoa, com uma perspectiva holística. Ainda restam, entretanto, lacunas quanto a aspectos emocionais ou afetivos.

Palavras-chave: Competência em informação. Competência em informação-Brasil.

The current conceptual stage of information literacy in Portuguese-language publications

ABSTRACT

The expression information literacy - Portuguese language - emerged in 1974, in the United States. Since then, authors around the world have been looking for a definition that is compatible with the complexity that the concept carries. Objectives: From an epistemological perspective, this article has the purpose of reflecting and understanding how specialists from Portuguese - speaking countries, especially in Brazil, currently understand the information literacy. To reach this objective, the need arose to understand the evolution and historical frameworks of the theme. Method: Qualitative and exploratory research, based on literature review, of articles published in Portuguese language in journals classified in the Capes Journal Portal as Qualis A1 and A2, in the period from 2012 to 2016, and indexed in The Base Directory of Open Access Journals (DOAJ). Conclusions: There was an evolution of the concept of information literacy, in which the various authors seek to advance beyond a utilitarian or instrumentalist vision. Thus the theme became synonymous with learning to learn and incorporated all the dimensions of a person's life, with a holistic perspective. There are, however, gaps in terms of emotional or affective aspects.

Keywords: *Information literacy. Information literacy – dimensions. Information literacy - Brazil.*

El estágio conceptual actual de la competencia en información en publicaciones en idioma portugués

RESUMEN

El término información alfabetización - competencias en información, en portugués - en 1974, en los Estados Unidos. Desde entonces, autores del mundo entero vienen buscando una definición que sea compatible con la complejidad que el concepto carga. Objetivos: Desde un punto de vista epistemológico, este artículo tiene como objetivo identificar cómo los expertos de los países de habla portuguesa, especialmente en Brasil, actualmente comprenden la competencia información. Para el logro de este objetivo, surgió la necesidad de evidenciar la evolución y marcos históricos del tema. Método: Hemos desarrollado estudio exploratorio cualitativo, basado en la revisión bibliográfica de los artículos publicados en portugués en revistas clasificadas en la Capes Diario Portal como Qualis A1 y A2 en el período 2012-2016, e indexados en el directorio de la base Open Access Journals (DOAJ). Conclusiones: Se constató una evolución del concepto de la competencia en información, en el cual los diversos autores buscan avanzar más allá de una visión utilitarista o instrumentalista. Así el tema se volvió sinónimo de aprender a aprender e incorporó todas las dimensiones de la vida de una persona, con una perspectiva holística. Aún quedan, sin embargo, lagunas en cuanto a aspectos emocionales o afectivos.

Palabras clave: *Competencia en información. Competencia en información-Brasil.*

INTRODUÇÃO

É possível afirmar que não existe valor em uma informação à qual não se possa ou não se saiba acessar, processar e usar, circunstâncias nas quais estará inacessível ou será inútil para as pessoas. A preocupação com a capacidade de os indivíduos operarem a informação vem ganhando força nas últimas quatro décadas, desde que, em 1974, o americano Paul Zurkowski lançou o conceito de *information literacy*, expressão que na língua portuguesa ganhou traduções como competência em informação ou competência informacional, entre outras denominações¹.

A competência em informação supõe efetividade no relacionamento do indivíduo com a informação e o conhecimento. “A internalização de competências e habilidades informacionais ativa a ‘apropriação’ de informação”. (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 68). Ou, conforme complementam Gomes e Dumont (2015, p. 134), “a apreensão da informação pelos indivíduos tem grande possibilidade de se realizar na medida em que eles possam dominar as ações relacionadas à localização, ao acesso e ao uso das fontes de informação em situações e contextos múltiplos”.

O conceito inaugurado por Zurkowski proporciona nova abordagem a temas existentes anteriormente, como estudos e educação de usuário. “Estudos de usuários de informação precederam a competência em informação, já com a preocupação de atender às necessidades dos usuários” (DAVOK; LAZZARI, 2015, p. 335).

Quanto à capacitação dos usuários, Belluzzo, Santos e Almeida Júnior (2014, p. 65) afirmam que

A competência em informação “dá um passo além da educação” de usuário, pois mais do que técnicas específicas de como consultar ou buscar uma informação ou determinada base de dados, pressupõe o aprendizado ao longo da vida, levando o indivíduo a, permanentemente e de maneira crítica, desenvolver processos investigativos e construir seu conhecimento em quaisquer situações, sejam formais de estudos ou informais.

Mais do que apenas orientar o usuário a respeito de como consultar o acervo de uma biblioteca, a competência em informação tem a perspectiva de construir a cidadania, e de proporcionar às pessoas a sua emancipação e autonomia, constituindo-se, portanto, em uma ação libertadora. Busca o desenvolvimento do cidadão e da coletividade, o progresso social e o bem comum. A Competência em informação tem, portanto, dimensões sociais, políticas, éticas, entre outras (RIBEIRO; GASQUE, 2015; CAVALCANTE; RASTELI, 2013; HATSCHBACH; OLINTO, 2008; MENEZES; VITORINO, 2014; ROSA e SILVA; VITORINO, 2016).

É plausível dizer que a competência em informação está intimamente ligada à educação. Tanto é que um dos seus significados mais recorrentes é o de aprender a aprender, do aprendizado ao longo da vida. Mas a competência em informação se aplica também à vida profissional e a todo o cotidiano dos indivíduos, incluindo lazer e cuidados com a saúde. (ALVES e SUAIKEN, 2016, p. 215-230; BARTALO et al., 2013; CARDOSO FILHO; ARAÚJO JÚNIOR, 2016; CAVALCANTE; RASTELI, 2013; GASQUE, 2016; HATSCHBACH; OLINTO, 2008; MATA, 2012; MENEZES; VITORINO, 2014; ROSA e SILVA; VITORINO, 2016; VALENTIM; JORGE; CERETTA-SORIA, 2014).

O paradigma da competência em informação altera profundamente o papel do profissional da ciência da informação. Sua ação é, cada vez mais, de um educador, estimulando as pessoas a terem autonomia nas suas estratégias relacionadas à informação, e, cada vez menos, de um provedor de informações.

¹*Information literacy* pode ter traduções e versões múltiplas nos diversos idiomas para os quais foi traduzido. No Brasil, o termo “competência em informação” foi proposto na primeira mesa-redonda sobre Competência em Informação (no XIII SNBU, Natal/RN, 2004), noção esta que foi reconhecida e é utilizada, desde então, por muitos pesquisadores da área (HATSCHBACH; OLINTO, 2008), com reforço em documentos patrocinados pela Unesco que recomenda o uso desta forma para o Brasil.

Até mesmo a mediação da informação exercida, por exemplo, por um bibliotecário, não deve ser negada ou encoberta, mas explicitada e incorporada ao escopo da competência em informação (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014; GOMES; DUMONT, 2015; MENEZES; VITORINO, 2014).

Nesse contexto, o presente se limita a identificar o estágio atual do conceito da competência em informação em artigos publicados em língua portuguesa. Este objetivo se respalda na pergunta: como os especialistas de países de língua portuguesa, em especial do Brasil, tem compreendido a competência em informação?

Os objetivos específicos são de analisar a evolução histórica deste conceito e identificar indícios de uma nova tendência. O propósito é estabelecer os postulados atuais, etapas e limites da competência em informação, de caráter epistemológico, que, conforme Japiassu (1977, p. 16), consiste em “estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais”.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa aqui desenvolvida pode ser caracterizada como qualitativa e exploratória, executada por meio de revisão de literatura. A pesquisa qualitativa tem o foco na exploração do conjunto de opiniões e representações sociais a respeito de determinado tema (GOMES, 2012) ou de “esmear a forma como as pessoas constroem o mundo à sua volta” (FLICK, 2009, p. 8). Seu caráter exploratório advém da condição de aproximar, de oferecer uma visão geral de determinado assunto (GIL, 1999, p. 34). A revisão bibliográfica tem, por sua vez, o intuito de buscar o “estado da arte sobre determinado tema” (CERVO; BERVIAN 2007, p. 61).

Para a análise, foi estabelecida uma amostra que atendeu aos critérios de atualidade (artigos publicados de 2012 a 2016) e de qualidade (publicados em revistas classificadas como Qualis A1 e A2 no Portal de Periódicos da Capes).

Para que a amostra não se tornasse excessivamente grande, o que inviabilizaria o trabalho, foram selecionados artigos publicados em periódicos indexados na base Directory of Open Access Journals (DOAJ), em língua portuguesa. Para a seleção, foram usados os termos de pesquisa: “competência em informação” (que resultou na recuperação de 27 artigos), “competência informacional” (31 artigos), “alfabetização informacional” (quatro artigos), “information literacy” (39 artigos), “letramento informacional” (oito artigos) e “literacia” (15 artigos), além de “fluência informacional” na qual não houve nenhum registro encontrado. Na pesquisa inicial foram recuperados 123 registros, dos quais alguns se repetiram em pesquisas com termos de busca diferentes, restando 111 artigos. Em seguida, foram selecionados os artigos publicados no período proposto, que totalizaram 69 registros. Na sequência foram selecionadas as revistas classificadas como Qualis A1 e A2 no Portal da Capes, resultando então em 20 artigos, nos quais foi efetuada a revisão de literatura. Criado no ano 2000, e considerado a maior biblioteca digital de periódicos científicos do Brasil, o Portal de Periódicos da Capes tem como objetivo facilitar o acesso à informação científica e tecnológica. Tem o propósito de reduzir as disparidades regionais no acesso à informação (ALMEIDA; CENDÓN, 2015).

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM PUBLICAÇÕES DE LÍNGUA PORTUGUESA – ARTIGOS EM REVISTAS QUALIS A1 E A2

A leitura dos artigos localizados na busca ao Portal Capes possibilitou constatar algumas lacunas, em especial no que diz respeito à evolução histórica do conceito de competência em informação. Foram então selecionados outros textos, citados ou não nos artigos da seleção prévia e que contemplavam os questionamentos em aberto. Este método, cumulativo, construído ao longo do processo e pelo qual o pesquisador define os caminhos que geram maior retorno teórico, é chamado de “amostragem teórica” por Strauss e Corbin (2009, p. 195-196).

Mesmo que a língua portuguesa estivesse entre os critérios da pesquisa, algumas publicações recuperadas estavam em inglês ou espanhol, inclusive de autores brasileiros.

Esses artigos foram mantidos na revisão de literatura. A revisão de literatura se efetivou em 22 artigos, relacionados no quadro 1.

Quadro 1 - Artigos sobre competência em informação

Autores	Ano	Título	Periódico	Classif. Qualis
Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque	2016	Information literacy for inquiry-based learning.	Transinformação	A1
Marcos Aurélio Gomes, Lígia Maria Moreira Dumont	2015	Possíveis relações entre o uso de fontes de informação e a competência em informação.	Transinformação	A1
Elizabeth Coelho Rosa e Silva, Elizete Vieira Vitorino	2016	A gestão da informação sob a abordagem da ecologia: possibilidades à competência em informação.	Em Questão	A2
Jair Cunha Cardoso Filho, Rogério Henrique de Araújo Júnior	2016	Sistema de prospecção de competências emergentes: proposta de modelo.	Em Questão	A2
Alberto Calil Junior, Gabriela Almendra	2016	As apropriações do Facebook pelas bibliotecas públicas estaduais brasileiras.	Em Questão	A2
Mirian Ferreira Alves, Emir José Suaiden	2016	Bibliotecas públicas e letramento informacional.	Em Questão	A2
Marcos Moraes, Renata Lira Furtado, Maria Inês Tomaél	2015	Redes de citação: estudo de rede de pesquisadores a partir da competência em informação.	Em Questão	A2
Fernanda Gomes Almeida, Beatriz Valadares Cendón	2015	Avaliação do impacto do treinamento sob a perspectiva da competência informacional: o caso do Portal de Periódicos da Capes.	Em Questão	A2
Aline Gonçalves da Silva, Gilda Olinto	2015	Tecnologías de la información y comunicación, competencia en información e inclusión social en la biblioteca pública: un estudio en la Biblioteca Parque de Manguinhos.	Revista Interamericana de Bibliotecología	A2
Delsi Fries Davok, Letícia Lazzari	2015	Information needs and information literacy of the poultry farmers embedded in the agribusiness society Sadia S.A. of the west of Santa Catarina, Brazil.	Informação & Informação	A2
Leila Alves Medeiros Ribeiro, Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque	2015	Letramento informacional e midiático para professores do século XXI.	Em Questão	A2
Marta Lígia Pomim Valentim, Carlos Francisco Bitencourt Jorge, María Gladys Ceretta-Soria	2014	Contribuição da competência em informação para os processos de gestão da informação e do conhecimento.	Em Questão	A2
Regina Célia Baptista Belluzzo, Camila Araújo dos Santos, Oswaldo Francisco de Almeida Júnior	2014	A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas.	Informação & Informação	A2
Priscila Lopes Menezes, Elizete Vieira Vitorino	2014	A competência informacional fundamentada na dimensão ética.	Em Questão	A2
Lidia Eugenia Cavalcante, Alessandro Rasteli	2013	A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em biblioteca pública.	Encontros Bibli	A2

(Continua)

Quadro 1 - Artigos sobre competência em informação

(Conclusão)

Autores	Ano	Título	Periódico	Classif. Qualis
Linete Bartalo, Miguel Luiz Contani, Ivone Guerreiro Di Chiara, Neiva Aranda Lopes Butarello, Alexandre Sebold Kuiawski, Matheus Nantes da Costa	2013	Comportamento informacional das comunidades acadêmica e organizacional da Universidade Estadual de Londrina.	Informação & Informação	A2
Marta Leandro da Mata	2012	Aspectos da avaliação da competência informacional em instituições de ensino superior.	Em Questão	A2
Aida Varela, Marilene Lobo Abreu Barbosa	2012	Trajetórias cognitivas subjacentes ao processo de busca e uso da informação: fundamentos e transversalidades.	Encontros Bibli	A2
Javier Tarango, Yadira Barbara Machado Rodríguez	2012	Diseño de acciones de alfabetización informacional en TIC para profesionales del Sector de la Salud en Cuba.	Revista Interamericana de Bibliotecología	A2
Cristian Berrío Zapata	2012	Entre la alfabetización informacional y la brecha digital: reflexiones para una reconceptualización de los fenómenos de exclusión digital.	Revista Interamericana de Bibliotecología	A2

Fonte: Dados obtidos na pesquisa

Verifica-se, por meio do quadro 1, que dos 22 artigos publicados, 20 correspondem ao Qualis A2 e dois deles ao Qualis A1. O quadro 1 também se revela indicador dos pesquisadores que apresentam produção científica relevante para a área, o que denota um conjunto de dados que pode representar possibilidades de análises várias. Algumas dessas considerações são trazidas na revisão de literatura com base nesses artigos, publicados predominantemente no periódico Em Questão, seguido pelo periódico Revista Interamericana de Bibliotecología.

ESTÁGIO CONCEITUAL DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM REVISTAS QUALIS A1 E A2

Para contextualizar a temática a fim de formar um “pano de fundo” sobre o atual estágio da competência em informação – como um conceito – na pesquisa empreendida para este trabalho, faz-se necessário retomar nosso cenário inicial.

Em 1974, o presidente da Information Industry Association, Paul Zurkowski, elaborou o relatório *The information service environment relationships and priorities*, submetido à National Commission on Libraries and Information Science (NCLIS), no qual descrevia produtos e serviços lançados por instituições privadas e suas relações com as bibliotecas.

No documento, vislumbravam-se mudanças no cenário informacional e recomendava-se que fosse implementado um movimento no sentido de proporcionar às pessoas um aprendizado das técnicas e habilidades para acessar e trabalhar com a informação, cunhando-se a expressão *information literacy*. Pesquisadores e especialistas salientam ter sido esta a primeira vez em que foi utilizada a expressão, que no Brasil é traduzida mais recorrentemente como *competência em informação*.

Com maior ou menor grau de detalhamento, o pioneirismo de Zurkowski é referenciado por mais da metade dos artigos analisados neste trabalho: Almeida e Cendón (2015, p. 32); Alves e Suaiden (2016, p. 231); Belluzzo, Santos e Almeida Júnior (2014, p. 63); Cavalcante e Rasteli (2013, p. 167); Gasque (2016, p. 255); Gomes e Dumont (2015, p. 140); Moraes, Furtado e Tomaél (2015, p. 183); Rosa e Silva e Vitorino (2016, p. 252); Valentim, Jorge e Ceretta-Soria (2014, p. 210, 221) e Berrío Zapata, 2012, p. 40, além de Vitorino e Piantola (2009, p. 136) e de Hatschbach e Olinto (2008, p. 21-22). Evidencia-se, assim, unanimidade quanto ao surgimento da competência em informação, visto que os demais artigos não fazem referência ao surgimento deste tema.

A expressão *information literacy* se disseminou nos países de língua inglesa, enquanto no idioma francês foi adotado *Maîtrise de l'Information*. Já nos países de língua espanhola e de língua portuguesa surgiram diversas alternativas. A tradução literal de *information literacy* para o espanhol é *alfabetización informacional*, expressão que é abreviada para *ALFIN*, mas também são empregados *alfabetización en información*, *competencia informacional*, *desarrollo de habilidades informativas - DHI* (mais comum no México). Em Portugal, o termo mais usado é *literacia informacional*, mas também são utilizados *literacia da informação* e *competências da informação*. No Brasil, são adotados termos como *competência em informação*, *competência informacional*, *alfabetização informacional* (tradução literal de *information literacy*), *alfabetização em informação*, *habilidade informacional* e *letramento informacional* (HATSCHBACH; OLINTO, 2008, p. 23-24; ALVES; SUAIDEN, 2016, p. 231; MORAES; FURTADO; TOMAÉL, 2015, p. 183; DAVOK; LAZZARI, 2015, p. 337).

As palavras que compõem essas expressões carregam significados ou representações diversas, o que estimula o debate sobre os termos mais adequados. A própria expressão predominante no idioma inglês é muitas vezes contestada, tendo

em vista que *literacy* (letramento, alfabetização, na tradução para o português) é associada à obtenção da habilidade básica de ler e escrever. Algumas alternativas que surgiram são *library skills* (habilidades em biblioteca), *library use* (uso de bibliotecas) ou *bibliographic instructions* (instruções bibliográficas), mas que igualmente carregam limitações de ordem semântica (ALVES; SUAIDEN, 2016, p. 231-232; VITORINO; PIANTOLA, 2009, p. 131-132).

De todo modo, no XIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), realizado na cidade de Natal/RN em 2004, foi proposta competência em informação (MORAES; FURTADO; TOMAÉL, 2015, p. 184). Em mensagem pessoal a Alessandro Rasteli, Regina Belluzzo afirma: "o termo competência informacional, por exemplo, é um neologismo, além de ser também uma adjetivação e remete, originalmente, à tecnologia de informação (TI)". Ela recomenda o uso de competência em informação, por entender que o "bibliotecário tem como objeto a informação, embora possa trabalhar com apoio da tecnologia". Belluzzo também classifica como neologismos e adjetivações os termos *alfabetização informacional* e *letramento informacional* (CAVALCANTE e RASTELI, 2013, p. 167).

Além da denominação, o tema passou a ser alvo de estudos e pesquisas que proporcionaram inúmeras abordagens e definições. Exceto dois dos artigos (Tarango e Rodríguez, 2012; Calil Junior e Almendra, 2016) todos os demais analisados no presente estudo buscaram uma proposta da conceituação, muitas delas associadas a marcos históricos, tais como a publicação do *Presidential Committee on Information Literacy: Final Report*, pela *American Library Association (ALA)*, em 1989, e o documento *Faróis da sociedade de informação: Declaração de Alexandria sobre competência informacional e aprendizado ao longo da vida*, pela *International Federation of Library Associations and Institutions*, em 2005. O quadro 2 apresenta uma síntese das definições de competência em informação encontradas nos artigos em análise.

Quadro 2 - Síntese das definições de competência em informação

Período	Autoria	Definição básica	Citado por
Meados da década de 1970	Zurkowski (1974), Burchinal (1976)	Conceito de competência da informação interpretado com enfoques como o uso de fontes de informação, técnicas e métodos de estudo, habilidades para pesquisa e instrução bibliográfica.	Hatschbach e Olinto (2008, p. 21-22).
Anos de 1980	Diversos	A concepção de competência em informação teve ênfase instrumental, principalmente na capacitação de profissionais para o uso de tecnologias, notadamente, o computador.	Varela e Barbosa (2012, p. 160).
	Carol Kuhlthau	Dimensões cognitiva e afetiva como parte do processo de aquisição da competência informacional.	Vitorino e Piantola (2009, p. 137).
1987	Karol Kuhlthau (1996)	Ênfase na no processo cognitivo, a competência em informação é percebida como uma maneira de aprender; aprendizado ao longo da vida; aplicação das habilidades informacionais no cotidiano. Kuhlthau propôs o modelo alternativo centrado no usuário.	Varela e Barbosa (2012, p. 160-161).
1989	American Library Association (ALA)	Por meio do Presidential Committee on Information Literacy, a ALA publicou o relatório Presidential Committee on Information Literacy: Final Report, no qual definiu a competência em informação e destacou sua importância para a educação, cidadania e força de trabalho na era da informação. Entre as habilidades requeridas eram citadas as de reconhecer, localizar, avaliar e usar a informação. Além disso, o relatório recomendava o uso da informação de maneira que os outros também possam aprender com ela.	Almeida e Cendón (2015, p. 32), Varela e Barbosa (2012, p. 161), Valentim, Jorge, Ceretta-Soria (2014, p. 211), Hatschbach e Olinto (2008, p. 22) Vitorino e Piantola (2009, p. 135).
Anos 90	Kuhlthau (1991), Doyle (1992, 1994), Bruce (1995), Eisenberg e Brown (1992), Correia (2002)	O conceito da ALA é ampliado: um indivíduo tem competência em informação quando adquire a capacidade de se “educar/formar” de maneira autônoma.	Hatschbach e Olinto (2008, p. 22).
1998	Langford	Argumenta ainda que se todas essas competências implicam um ato de comunicação e se a comunicação envolve codificação e decodificação de informação em uma variedade incontável de registros, então toda competência constrói-se como competência informacional.	Vitorino e Piantola (2009, p. 135).
Final dos anos de 1990	Loertscher e Wools (1997), Sconul (1999)	‘Aprendizado baseado em recursos’ (resource-based learning) - busca e uso da informação são a ênfase para a construção do conhecimento.	Hatschbach e Olinto (2008, p. 22).
Final dos anos de 1990, início dos anos de 2000			
	Lau e Cortes (1999), Ortoll Espinet (2003), Alarcón et al (2006)	Constatação de que, gradativamente, os conceitos da competência em informação como aprendizado ao longo da vida se expandiram para fora do mundo acadêmico e alcançaram o ambiente de trabalho.	Hatschbach e Olinto (2008, p. 22).

(Continua)

Quadro 2 - Síntese das definições de competência em informação

(Conclusão)

Período	Autoria	Definição básica	Citado por
2000	Association of College & Research Libraries, dos Estados Unidos (ACRL)	A competência em informação se estabelece com o reconhecimento de necessidades, avaliação e uso e, com isso, aprender a aprender, saber como aprender, saber como o conhecimento é organizado, como encontrar e como usar a informação de maneira que outros aprendam a partir dela.	Almeida e Cendón (2015, p. 33), Gasque (2016, p. 256) Rosa e Silva e Vitorino (2016, p. 252-253), Hatschbach e Olinto (2008, p. 23).
2002	Bruce	Competência crítica e abrangente é um caminho para a capacitação pessoal e o desenvolvimento econômico.	Cardoso Filho e Araújo Júnior (2016, p. 255).
2005	Declaração de Alexandria	“A competência informacional está no cerne do aprendizado ao longo da vida. [...] O aprendizado de toda a vida prepara os indivíduos, as comunidades e as nações a atingir suas metas e a aproveitar as oportunidades que surgem no ambiente global em evolução para um benefício compartilhado. Auxilia-os e suas instituições a enfrentar os desafios tecnológicos, econômicos e sociais, para reverter a desvantagem e incrementar o bem-estar de todos”.	Alves e Suaiden (2016, p. 215), Cardoso Filho e Araújo Júnior (2016, p. 256-257), Vitorino e Piantola (2009, p. 136).
2005	ALFIN/EEES (2005)	Entendimento da necessidade de desenvolvimento de competência tecnológica (capacidade de operar e compreender as tecnologias) e da competência informacional (centrada na busca, uso e disseminação da informação).	Varela e Barbosa (2012, p. 162).
Meados dos anos 2000	Ferreira (2004), Silva (2005)	Perspectiva da competência em informação em regiões em desenvolvimento - como América Latina, incluindo o Brasil - como forma de superar deficiências no acesso e uso da informação, que acompanham desigualdades sociais; construção da cidadania e superação da exclusão digital.	Hatschbach e Olinto (2008, p. 24).
2006	Lloyd	Competência em informação não deve se limitar a habilidades; consiste sim em um processo holístico que envolve "relações sociais, físicas e textuais com a informação", que exigem uma série de "práticas e atestam a complexidade e a variedade das fontes de informação dentro de um contexto”.	Vitorino e Piantola (2009, p. 135).
2006	Johnston e Webber	“Uma pessoa competente em informação é um ser socialmente e autoconsciente e não um simples repositório de habilidades e conhecimento”.	Vitorino e Piantola (2009, p. 135).
2010	Uribe Tirado	Em pesquisas sobre o cenário ibero-americano, o pesquisador colombiano identifica a competência em informação no conjunto de habilidades, atitudes e conhecimentos relacionados à informação (identificar necessidades, localizar, selecionar, recuperar, organizar, avaliar, produzir, compartilhar e divulgar). Mas ressalva que o indivíduo somente se empodera se alcançar uma “postura crítica e ética, a partir de suas potencialidades (cognitivas, práticas e afetivas) e conhecimentos prévios para o aprendizado ao longo da vida e para o benefício pessoal e organizacional.	Rosa e Silva e Vitorino (2016, p. 254).

No quadro 2 pode-se constatar que os autores buscam um conceito de competência em informação mais complexo, tecendo críticas a proposições elementares e que são chamadas de “utilitaristas” ou “instrumentalistas”. Identificam-se duas vertentes que se encaixam nesse modelo de caráter básico. A primeira delas é uma visão de que a competência em informação está associada à habilidade no manejo de tecnologias da informação e da comunicação (TICs). Competência em informação certamente contempla essa capacidade, mas não é só isso. Gomes e Dumont (2015, p. 139) destacam que as raízes da competência em informação estão associadas às “modificações sociais advindas de forte reestruturação dos meios de produção, o que implicaria que a origem da noção de competência em informação encontra-se relacionada à indústria da informação”. Ou seja, essa confusão despontou naturalmente, estimulada certamente pela explosão da informação, por sua vez, provocada pelo surgimento e avanço do computador e da Internet. Na literatura analisada neste trabalho, Vitorino e Piantola (2009, p. 134-138); Hatschbach e Olinto (2008, p. 22); Varela e Barbosa (2012, p. 160-162); Moraes, Furtado e Tomaél (2015, p. 183-185); Silva e Olinto (2015, p. 202), Valentim, Jorge e Ceretta-Soria (2014, p. 211-212) citam definições desse gênero.

Berrío Zapata (2012, p. 45) observa que no relatório Habilidades e Competências do Século XXI para os Aprendizes do Milênio nos Países, de 2010, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) “chama a atenção para a confusão entre competências de gestão e competências em TICs para o pensamento crítico e resolução de problemas”, com “consequências terríveis” para a compreensão dos termos.

O domínio dos recursos tecnológicos mais avançados é um componente importante para a competência em informação, mais tais competências são distintas. Referenciado por Varela e Barbosa (2012, p. 162-163), o modelo do Programa de Alfabetização Informacional do Espaço Europeu de Educação Superior (ALFIN/EEES) considera tal distinção entre as duas competências (tecnológica e em informação), mas propõe uma associação entre ambas.

Para o programa, a competência tecnológica diz respeito ao uso avançado das tecnologias (teoria e prática, seleção, utilização, avaliação, gestão, conhecimentos científicos, habilidade de manejo, alfabetização audiovisual, informática e telemática, entre outros). No que diz respeito à competência em informação, o programa foca três aspectos: busca de informação (localizar e recuperar informação e de manejar equipamentos tecnológicos), uso da informação (pensar, estudar e investigar) e disseminação da informação (produzir e representar). A associação das duas competências exige “um mínimo de habilidades para o pleno sucesso educativo no uso da Internet”. Algumas dessas habilidades são genéricas à competência em informação, tais como o diagnóstico da informação necessária; estratégias e habilidade para encontrá-la e recuperá-la com agilidade; avaliação de sua qualidade, autenticidade e atualidade, além da avaliação da “idoneidade da informação obtida para ser utilizada em cada situação concreta”. A essas habilidades então são adicionadas outras diretamente relacionadas à Internet (tais como as possibilidades de interatividade) e à tecnologia, incluindo o uso pleno e o conhecimento acerca de aplicativos e dos equipamentos.

A segunda vertente considerada como limitadora do conceito de competência em informação inclui as propostas de cunho meramente utilitário ou instrumental. Genericamente, competência em informação pode representar o conjunto de habilidades de identificação, acesso, busca e uso da informação. Um dos críticos dessas modelagens de cunho mais elementar foi James Elmborg que, segundo Alves e Suaiden (2016, p. 233), propõe o afastamento de definições instrumentais, tecendo críticas à modelagem proposta pela Association of College & Research Libraries (ACRL). A ACRL efetivamente reconheceu que o documento publicado no ano 2000 não assegurava um aprendizado contínuo e, recentemente, decidiu por sua revisão (GASQUE, 2016, p. 256).

Vitorino e Piantola (2009, p.135-136) observam que competência em informação é um tema complexo e não pode ser dimensionado de maneira simplificadora:

Hoje, a ideia inicialmente aceita de que a competência informacional consiste essencialmente em conjunto de habilidades individuais ligadas à manipulação da informação em um suporte digital constitui apenas uma das muitas dimensões sugeridas pelo termo, que vem crescendo em complexidade à medida que as pesquisas sobre o tema evoluem. [...] enquanto muitos pesquisadores dedicam-se intensamente à elaboração e à implementação de normas e programas para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à competência informacional, outros grupos vêm buscando refutar a ideia de que um indivíduo possa se tornar competente em informação apenas mediante critérios uniformemente estabelecidos.

Igualmente, após citar definições da competência em informação propostas por diversos autores (Bawden, 2002; Bholá, 1997; Tuckett, 1989), Berrío Zapata (2012, p. 45) alerta para o risco de uma “perspectiva simplificadora e utilitarista” da competência em informação, se ela for limitada ao desenvolvimento de habilidades básicas. O autor ressalta que deve ser construída “uma perspectiva muito mais holística e complexa, ou seja, as alfabetizações múltiplas e o aprender a aprender”.

Os artigos em análise permitem perceber que o modelo utilitarista ou instrumental foi sendo superado desde cedo. Todos os seus autores que tratam do conceito de competência em informação buscam uma linha ampliada. Esse adicional, aquilo que vai além da visão elementar, entretanto, é apresentado de inúmeras maneiras, perspectivas e termos, corroborando o argumento da complexidade do assunto aludida por Vitorino e Piantola (2009, p. 135-136).

É o que será visto a seguir. Portanto, o conceito de competência se estrutura em um composto de duas dimensões distintas: a primeira, um domínio de saberes e habilidades de diversas naturezas que permitem a intervenção prática na realidade e, a segunda, uma visão crítica do alcance das ações e o compromisso com as necessidades mais concretas que emergem e caracterizam o atual contexto social. (BELLUZZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 65).

Berrío Zapata (2012, p. 45-46) atribui três níveis à competência em informação (em espanhol, Alfabetización informacional - ALFIN).

O primeiro é o que chama de nível de manipulação dos meios, é o mais básico e compreende o domínio das ferramentas de codificação e comunicação verbal e tecnológica, o que depende inclusive do acesso a essas tecnologias. Abrange conhecimento da língua falada, escrita e da linguagem da informática (audiovisual, multimídias). O segundo nível é o domínio de meta-análise, ou seja, a capacidade de compreender o plano de fundo que liga a mensagem; identificar contexto, atores e referências, obtendo o sentimento presente e as intenções dos envolvidos. Neste nível estão incursos a cultura geral que possibilita alternativas de informação e interpretação, a capacidade de validação (buscar versões alternativas para comparações e percepções convergentes ou divergentes) e o domínio da metalinguagem (reconhecer informações dos canais de transmissão da mensagem, capacidade de perceber, decodificar e integrar conscientemente um discurso). O terceiro nível diz respeito à ação crítica e ética, ou seja, à capacidade de construir significado a partir da informação, com uma posição crítica e propostas que permitam amplas representações coletivas. Isso implica uma atitude ativa (não receptiva ou passiva) diante da informação; autoaprendizagem, autoavaliação e autocrítica; e atitudes e capacidades colaborativas e propositivas; o indivíduo deixa de ser mero receptor de mensagens e passa a gerar informação e estabelecer juízos e discernimentos. “É o nível das rupturas discursivas, da destruição criativa do conhecido e da autocrítica que leva à renovação”. Esse nível demanda mais tempo, recursos e esforços.

A abordagem de Berrío Zapata responde a uma busca consistente dos pesquisadores pelos aspectos que vão além de mero conjunto de técnicas.

Após a revisão da literatura selecionada, é possível compreender a trajetória conceitual da competência em informação ao longo de suas quatro décadas de existência.

Na sociedade do conhecimento, a preocupação relacionada a identificar as necessidades de informação das pessoas, bem como a maneira como elas acessam e fazem uso dela, inclusive quanto ao domínio das tecnologias, transformou-se na própria essência da emancipação e da construção da cidadania. A competência em informação passou a ser sinônimo de aprender a aprender, do aprendizado para toda a vida. Assim incorporou as demais dimensões do cotidiano das pessoas.

Uma análise crítica minuciosa dos artigos revisados – no período de 2012 a 2016, em revistas classificadas como Qualis A1 e A2 no Portal de Periódicos da Capes – mostra que a maior parte dos conceitos referenciados são de publicações dos anos de 1990 à década de 2000. Conceitos mais recentes e abrangentes são os discutidos por Alves e Suaiden (2016) e Rosa e Silva e Vitorino (2016). Os primeiros resgatam a perspectiva holística da competência em informação, enquanto os segundos fazem alusão à ecologia da informação e da competência em informação. Ambos defendem uma visão ampla, que considera todos os aspectos relacionados à competência em informação. Essa abordagem se mostra a mais adequada diante da proposição atual do tema, que é inserido em todos os contextos da vida de uma pessoa.

Os textos publicados em revistas brasileiras referenciam autores de diversas nacionalidades, notadamente o eixo Estados Unidos-Europa. Mas também constam referências a autores brasileiros, com destaque para Regina Célia Baptista Belluzzo, Elisabeth Adriana Dudziak, Bernardete Santos Campello e Elizete Vieira Vitorino, dentre outros.

Foi possível perceber a evolução e os postulados atuais, etapas e limites dos estudos sobre competência em informação. O tema é abrangente e merece ser revisitado a partir de outros enfoques, incluindo os de cunho emocional.

Ainda que esteja em discussão a capacidade das pessoas trabalharem com a informação e se busque uma perspectiva holística, constata-se uma lacuna na temática da competência em informação, relacionada à questão emocional e afetiva. O tema chegou a ser abordado pela americana Carol Kuhlthau, que, em pesquisas na década de 1980, percebeu hesitação, insegurança e confusão mental por parte de estudantes, e apresentou um modelo que considera aspectos na natureza cognitiva (os pensamentos dos estudantes sobre o assunto em pesquisa), afetiva (os sentimentos) e física, que corresponde às ações efetivas de busca de fontes e consultas realizadas pelos estudantes (CAMPELLO, 2009, p. 34). O adição deste e de outros aspectos tende a ampliar a compreensão da competência em informação.

Estudos futuros poderão expandir a base de busca para identificar artigos em outra língua, analisar as correlações conceituais, incidência de autores internacionais na produção em língua portuguesa e outros desdobramentos que poderão contribuir para o desenvolvimento do tema.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. G.; CENDÓN, B. V. Avaliação do impacto do treinamento sob a perspectiva da Competência Informacional: o caso do Portal de Periódicos da Capes. Em *Questão*, v. 21, n. 1, 2015. p. 27-50. Disponível em:

<<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/49451/34205>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

ALVES, M. F.; SUAIDEN, E. J. Bibliotecas públicas e letramento informacional. Em *Questão*, v. 22, n. 1, p. 214-241, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245221.214-241>

BARTALO, L, et al. Comportamento informacional das comunidades acadêmica e organizacional da Universidade Estadual de Londrina. *Informação & Informação*, v. 18, n. 2, p. 211-230, 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16172/13098>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

BELLUZZO, R. C. B.; SANTOS, C. A. dos; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. A Competência em Informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações

teóricas. *Informação & Informação*, v. 19, n. 2, p. 60-77, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2014v19n2p60>

- BERRÍO ZAPATA, C. Entre la alfabetización informacional y la brecha digital: Reflexiones para una reconceptualización de los fenómenos de exclusión digital. *Revista Interamericana de Bibliotecología, Rev. Interam. Bibliot. Medellín*, v. 35 n. 1, p. 39-53, 2012. Disponível em: <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/RIB/article/view/13333/11932>>. Acesso em: 19 jun. 2017.
- BRASIL. CAPES. Qualis Periódicos. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>>. Acesso em: 21 jun. 2017.
- CALIL JUNIOR, A.; ALMENDRA, G. As apropriações do Facebook pelas bibliotecas públicas estaduais brasileiras. *Em Questão*, v. 22, n. 1, p. 188-213, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245221.188-213>
- CAMPELLO, B. S. Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CARDOSO FILHO, J. C.; ARAÚJO JÚNIOR, R. H. de. Sistema de prospecção de competências emergentes: proposta de modelo. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 2015. p. 246-272. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245222.246-272>
- CAVALCANTE, L. E.; RASTELI, A. A Competência em Informação e o bibliotecário mediador da leitura em Biblioteca Pública. *Encontros Bibli*, v. 18, n. 36, p. 157-180, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p157/24518>>. Acesso em: 17 jun. 2017.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Prentice-Hall, 2007. 162 p.
- DAVOK, D. F.; LAZZARI, L. Information needs and information literacy of the poultry farmers embedded in the agribusiness society Sadia S.A. of the west of Santa Catarina, Brazil. *Informação & Informação*, v. 20, n. 3, p. 327- 355, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/18663/17650>>. Acesso em: 30 jun. 2017.
- FLICK, U. Qualidade na pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2009. 196p. (Pesquisa Qualitativa).
- GASQUE, K. C. G. D. Information literacy for inquiry-based learning. *Transinformação*, v. 28, n. 3, p. 253-262, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2318-08892016000300001>
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012. 200 p.
- GOMES, M. A.; DUMONT, L. M. M. Possíveis relações entre o uso de fontes de informação e a competência em informação. *Transinformação*, v. 27, n. 2, p. 133-143, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-37862015000200003>
- GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In.: MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 108 p. (Coleção temas sociais).
- HATSCHBACH, M. H. de L.; OLINTO, G. Competência em Informação: caminhos percorridos e novas trilhas. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação. Nova Série*, v. 4, n. 1, p. 20-34, 2008. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/64/78>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- JAPIASSU, H. Introdução ao pensamento epistemológico. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- MATA, M. L. da. Aspectos da avaliação da Competência Informacional em instituições de ensino superior. *Em Questão*, v. 18, n. 1, p. 141-154, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/22081/19795>>. Acesso em: 04 de maio 2017.
- MENEZES, P. L.; VITORINO, E. V. A Competência Informacional fundamentada na dimensão ética. *Em Questão*, v. 20, n. 2, p. 86-107, 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/46044/32151>>. Acesso em: 09 jul. 2017.
- MORAES, M.; FURTADO, R. L.; TOMAÉL, M. I. Redes de Citação: estudo de rede de pesquisadores a partir da Competência em Informação. *Em Questão*, v. 21, n. 2, p.181-202, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245212.181-202>
- RIBEIRO, L. A. M.; GASQUE, K. C. G. D. Letramento Informacional e Midiático para professores do século XXI. *Em Questão*, v. 21, n. 2, p. 203-221, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245212.203-221>
- ROSA E SILVA, E. C.; VITORINO, E. V. A Gestão da Informação sob a abordagem da Ecologia: possibilidades à Competência em Informação. *Em Questão*, v. 22, n. 1, p. 242-266, 2016. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/55547/37101>>. Acesso em: 15 maio 2017.
- SILVA, A. G. da; OLINTO, G. Tecnologías de la información y comunicación, competencia en información e inclusión social en la biblioteca pública: un estudio en la Biblioteca Parque de Manguinhos. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, v. 38, n. 3, p. 201-212, 2015. Disponível em: <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/RIB/article/view/24131/19740>>. Acesso em: 06 jun. 2017.
- STRAUSS, A. L; CORBIN, J. M. Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, Bookman, 2008. 288 p. (Biblioteca Artmed Métodos de pesquisa).
- TARANGO, J.; RODRÍGUEZ, Y. B. M. Diseño de acciones de alfabetización informacional en TIC para profesionales del Sector de la Salud en Cuba. *Revista Interamericana de Bibliotecología*, v. 35 n. 2, p. 173-187, 2012. Disponível em: <<http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/RIB/article/view/15218/13226>>. Acesso em: 19 jun. 2017.
- VALENTIM, M. L. P.; JORGE, C. F. B.; CERETTA-SORIA, M. G. Contribuição da Competência em Informação para os processos de gestão da informação e do conhecimento. *Em Questão*, v. 20, n. 2, p. 207-231, 2014. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/48642/32122>>. Acesso em: 26 maio 2017.

VARELA, A.; BARBOSA; M. L. A. Trajetórias cognitivas subjacentes ao processo de busca e uso da informação: fundamentos e transversalidades. *Encontros Bibli*, v. 17, n. esp.1, p. 142-168, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17nesp1p142/22730>>. Acesso em: 19 abr. 2017.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Competência informacional - bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação*, v. 38, n. 3, p. 130-141, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a09.pdf>>. Acesso em: 15 de maio 2017.